



as aftos nati-mortos.









# Sumário

**11** Parte I. Ensaio sobre o pudor:  
Reflexões sobre a Formação do Olhar

**28** Parte II. Contos em Vão

- Deitar
- Menarca
- Chapeuzinho Vermelho
- Me possua (eu sou sua)
- Você me faz salivar
- Regozijo

**42** Parte III. Evidências:  
Vídeos e Afetos

**57** Dados e Referências

**61** Índice de Imagens



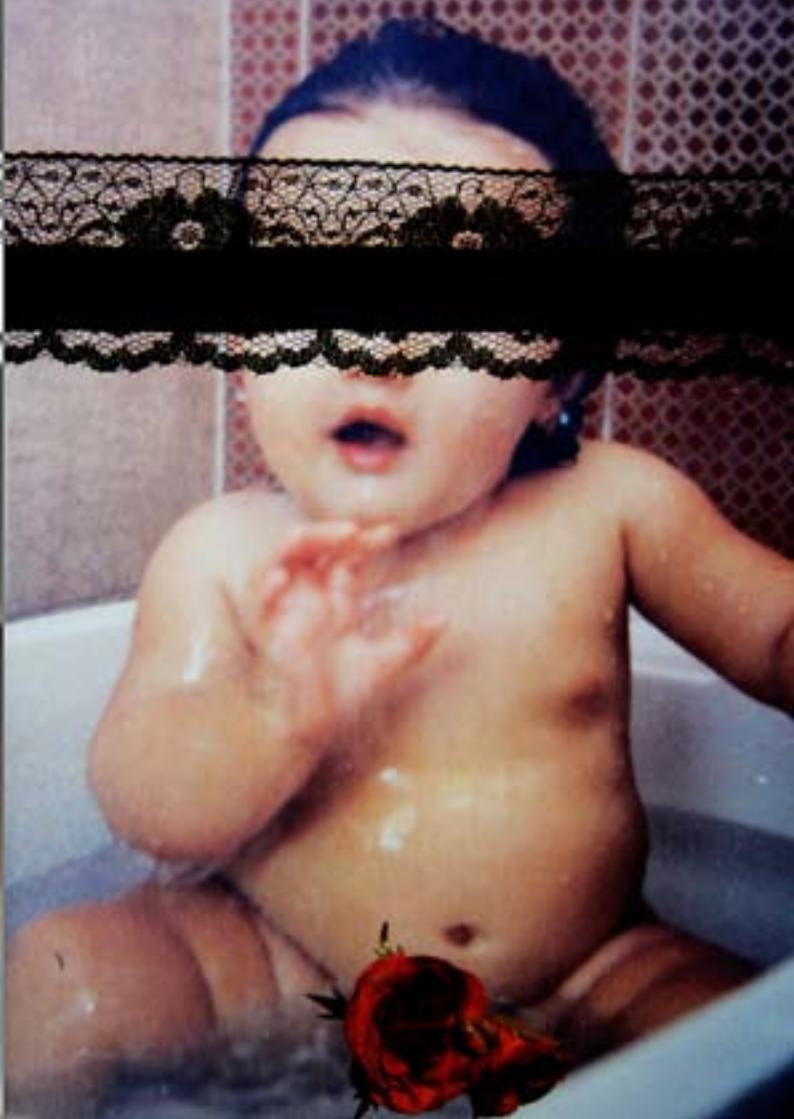
*Tal qual o promíscuo que patologiza seu desejo,  
assim é o/a artista que justifica sua criação.*



*Parte I. Ensaio sobre o Poder*

*- reflexões sobre a formação do olhar -*







Desejar é arquitetar plasticamente um delírio.

Minha arquitetura tem como alicerces a imagem.  
O amor começa pelo prazer dos olhos.

E, com meus olhos promíscuos de voyeur, passei  
um tempo em uma masturbação santa, até que  
deixei que o amor me adentrasse por outros  
orifícios.

Tenho essa lembrança, eu criança, de castigo  
virada para o canto do cômodo, rosto contra a  
parede e vergonha. Um único pedido em mente:  
“me proteja daquilo que eu quero, deixe-me ser  
suficiente.”

Quando tento resgatar minha memória, é como  
se eu me encontrasse diante de uma imensa  
pintura, formada por camadas e camadas de  
lembranças, inacabada, sempre em processo,  
sempre se renovando. A memória é reinventada  
a cada recordação resgatada, a cada detalhe  
novo adicionado àquele momento que nem mais  
sabemos se este é vinculado ao que realmente se  
passou.

Uma criação, um romance pessoal; a alucinação  
que chamamos de realidade.

Pois eu sou construída por tudo aquilo de que me  
lembro, por tudo aquilo que esqueci, aquilo que  
neguei e aquilo que transigi.

Sou um conjunto de excessos e faltas.

Eu nasci com pele, língua e dentes.  
Nasci com vagina e clítoris. E, por um desatino  
biológico, descobri que também ejaculo.  
Esse é o meu corpo, e ele é a única coisa da qual eu  
não posso fugir.  
E como bicho que sou eu proclamo minha  
inocência animal. Mas, fatalmente, em algum  
momento, nós sempre somos descobertos em  
nossa inocência.

Lembro-me do pânico de quando gozei pela  
primeira vez, molhando todo o carpete da casa  
de minha avó. Naquele momento se tornou óbvio  
para mim que alguns desejos seriam difíceis de  
esconder, se não impossíveis.



Dante do carpete encharcado, fui descoberta e passei pela vergonha e humilhação de ter estragado tudo. Estragado o carpete, estragado minha infância, estragado os olhos de minha mãe, estragado a imagem de filha.

A repreensão se enfiou em mim, tal como meu gozo penetrou nas fibras do carpete, e dali nunca mais saiu. Descobri que a vergonha tinha forma, cheiro, textura, sabor.

Sou filha de uma bailarina russa, criada em sua eugenia imagética, e diante da brancura ninguém é inocente.

Mas então como alimentar as fantasias neste zoológico cultural?

Nós, animais enjaulados, podemos até dizer que amamos e somos fiéis aos nossos pais, nossos companheiros, nossos amantes, nossa ciência e nosso deus, desde que a verdade seja dita a outra pessoa.

Não existe criação sem delírio.

Não existe expressão sem corpo, não existe arte sem prazer. Mas, não falo dos prazeres domesticados, afinal, quem não está enfadado de todos esses prazeres monocromáticos?

Algumas pessoas só alcançam o orgasmo ao criarem uma fantasia de violação. A transgressão e o excesso são componentes obrigatórios do erotismo.

Estou exausta de assassinar delírios na não-ação, tal qual o desenho aprisionado na linha e papel, onde nada pode extravasar o plano previamente estabelecido.

O que nós não faríamos se não estivéssemos com medo?

A infância é um conto de fadas sobre escravidão, onde nós aprendemos a ter gratidão por aqueles que nos educam. A iniciação da mente na natureza do mundo visível é moldada naqueles primeiros anos onde a crueldade materna e paterna ainda é vista como amor, e os atos de submissão crescem entre os sinais, na repetição de imagens e no discurso.







Nos meus primeiros anos de construção do olhar, a imagem que mais me despertava fascínio era a misteriosa imagem do pai.

A falta dessa presença me moldou e me penetrou em lugares que nem eu mesma sabia que existiam. Enquanto as outras crianças o construía em detalhes, eu delineava um pai na contra forma, criando o meu universo em torno do seu vazio. Nesta tela em branco surgiu um monopólio sobre a vontade e uma estranha sensação de hereditariedade que se enraizou em mim, pois de cada homem que preencheu por algum tempo aquele lugar eu herdei(arranquei) algo.

Eu brincava com colagens naquele grande vazio, arquitetando o delírio do pai, desejando que alguém me chamassem de filha no momento do orgasmo. Quando o momento chegou, toda a imagem paterna se manchou de porra e lubrificação, e naquele momento me foi revelado o violento medo de admitir o imenso prazer que é romper alguns limites ancestrais e profanar aquilo que antes era sagrado.

Alegrias violentas têm fins violentos, mas permaneceu preservado no regozijo, o poder perverso de transformar todo penar cultural em gozo.

Através da minha primeira obsessão pelo pai, descobri um profundo prazer pela perversão, o prazer de desconstruir algo que deveria ser sólido, o prazer de quebrar o mármore do legado cultural. A transgressão de esfacelar um conceito liso e branco.

Quem nunca quis derramar seu desejo e saliva sobre todos aqueles que nos moldaram?

Corromper a pele gelada daqueles que não assumem o risco do afã pelo coito. Como eu gostaria de recebê-los dentro de mim, Jesus de Nazaré e Sigmundo Freud, possuí-los em meu transe, devorar seus pênis e lhes oferecer o aconchego do útero.

Eu sei, a sinceridade não é elegante, mas a criação existe quando estamos caindo de amores, ou caindo aos pedaços. E, nessas ocasiões de paixão e morte, nada é alinhado, e não seria diferente no momento da destruição do romance familiar.







Consentir o desejo depravado é se impor contra o roubo do nosso poder perverso. É um protesto à cientificização do corpo, à patologização do desejo e ao legado religioso-psiquiátrico. É preciso ter consideração pelas fantasias que nos brotam à mente, é vital estar atento ao chamado corporal, pois não existe uma abdicação completa da vontade, o que existe é o sufocamento doloroso nas tentativas frustradas de sublimação.

E eu admito que, nesta sociedade de autoridades masculinas, discriminatória e hierarquizada, odiei todos os homens com os quais me deitei, como se cada um carregasse simultaneamente a semente maldita do soldado, do professor, do sacerdote, do médico e do pai. Mas, também admito que desejei todos os homens com os quais me deitei, como se cada um carregasse a retificação para a mulher excessiva que me tornei, pois é através dos olhos de homens que aprendemos a nos ver como mulheres.

Entre paixão e repulsa, me delicio ao subverter toda ideia de cura e dominação no transe sexual, pois o choque do desejo desconstrói tudo, e nessa

dança de possessão e possuído, a fusão dos corpos é uma subversão do poder.

Acontece uma maravilha plástica no momento do prazer, um alargamento do horizonte estético, pois, ali, até mesmo as imagens mais excêntricas se preenchem com deleite.

O arrebatamento sexual rompe a superfície virtuosa sacal do indivíduo para revelar a inescrupulosa ânsia de sentir, pois a liberação dos impulsos só existe na desordem social. Em meio deste transe, nós não mais reconhecemos o conceito do sublime.

Talvez a arte deveria ser feita em um momento de excitação, naqueles momentos onde uma mordida ou um tapa, são tão doces quanto a saliva e o beijo.

Quem sabe assim nós não abandonaríamos o apreço pelo “branco”?



Vivemos um estupro científico cotidiano que penetra a filosofia, a religião, as artes e o corpo. Uma doença de época que arranca o valor de tudo aquilo que não é objetivo e utilitário.

Todos somos criados neste hedonismo asceta, e estou farta do meu pudor, estou farta da domesticação do prazer, farta do massacre sobre o desejo.

Nosso adestramento educacional deveria ceder aos momentos onde cada parte do corpo é celebrada.

Cada dobra, cada curva, cada textura, cada cor, cada odor e sabor exaltados!

Como eu gostaria que, mesmo após o gozo, o enebriamento sexual permanecesse, como eu gostaria que o desejo inovador se alargasse para fora do indivíduo e inundasse todas as estruturas limitadoras sociais, para que assim pudéssemos morrer de viver.

*Parte II. Contos em versos*

### de Abrão

oeste de Ur, que Wosiek identificou (ver pág. 46). E assim ficou sabendo que um centro de cultura literária nascesse.

### O Código de Hammurabi

As mais importantes descobertas arqueológicas fizeram-se em Hammurabi, na da cidade de El-Amarna, cuja data parece ser 1350 a.C., e cuja origem é identificada pelos assiniladores com o nome de Amarna, um dos reis que Alara, persignado como liberto, apelidou de "a mais alta, a mais humilde".  
Fazendo escravas sairir e recolher as juntas de terra, para que estes se recubram em prados, com espadas nas pradas.  
Ora, disse:  
Pois,  
Sabe das  
ordens de  
deus, e  
por uma espécie

da mesma que nos

concernente à matéria, ao volume,

é a que é a mais extensa que já se co-

nhece, das quais do rei-sol Charax: há

anotações de justiça, impostos, salários

e taxas sobre propriedades, casamento, solenida-

des, polêmica, tempo de impostos, construção

e outras questões de magistrados e servos

de governo, direitos internacionais e muitos

outros assuntos.

Este é o maior

monumento de Abrão, ainda existente.

Ele é o maior sistema bem desenvolvido de normas

de justiça, de direito de que já se

sabe, e é de Abrão que a maioria das

placas de Hammurabi

procedem.

Além disso, existem

placas de justiça, de

ordens de deuses, de

mitologias, de

histórias, de mitos, de

mitologias, de

que já se

sabe.

Além disso, existem

placas címe-

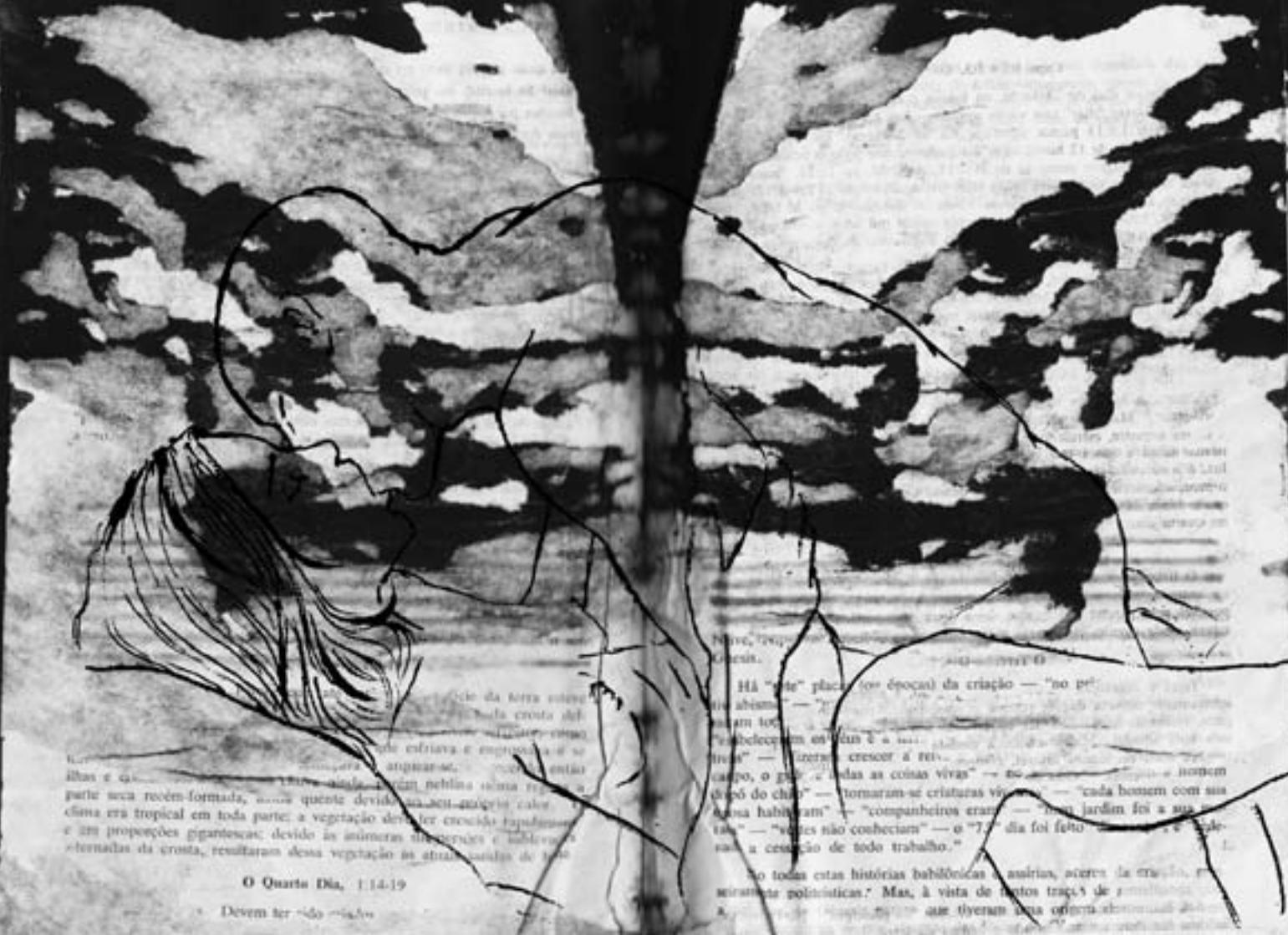
sas, fundamen-

tais, fundamen-

**Fig. 41 - O Código de Hammurabi**  
(Museu do Louvre, Paris)

Sala de Antigo  
Coturno do Museu do Louvre, Paris  
(Pensilvânia)

Morgan. Acha-se hoje no Museu do Louvre, em Paris. Trata-se de um bloco lindamente polido, de pedra negra dicitru, de 2 m 60 cm de altura, 60 cm de largura, meio metro de espessura, um tanto oval na forma, ligeiramente talhado nas esquinas. Faz parte de um grande bloco que deve ter sido



que se estende ao longo da borda da terra morna, e que é sempre a borda crista das montanhas, e que é sempre a borda de estrada e imprópria ao se passar, e que é sempre a que aquece-se, e que é sempre a que entra ilhas e que é sempre a que nasce plantas novas nela mesma, e que é sempre a parte seca recém-formada, e que é sempre devida ao seu próprio calor, clima era tropical em toda parte; a vegetação devia ter crescido rapidamente e em proporções gigantescas; devido as inúmeras infinidades e subversões e deformadas da crosta, resultavam dessa vegetação as atrações suculentas de fogo

O Quarto Dia, 13.4.19

#### 4. Develop the video message

Há "outro" placar (ou épocas) da criação — "no princípio abismos" — "o céu e a terra" — "o sol nasceu em encontro à terra" — "crescer à terra" — "o gato deitado as coisas vivas" — no fundo do chão" — tornaram-se criaturas vivas — "cada homem com sua alma habitaram" — "companheiros eram" — "no jardim fez a sua morada" — "vítimas não conheciam" — o "7º dia foi feito para o repouso, a cessação de todo trabalho."

No todas estas historias bibliónicas o análogas, acercan la trama, ni  
son de naturaleza política.<sup>1</sup> Mas, à vista de tantos trazos de  
que dieron una orientación

# D E   I   T AR

Meu maior medo quando pequena, era o medo de adormecer.

Eu tinha uma visita constante, um mesmo cenário me perseguia noite após noite.

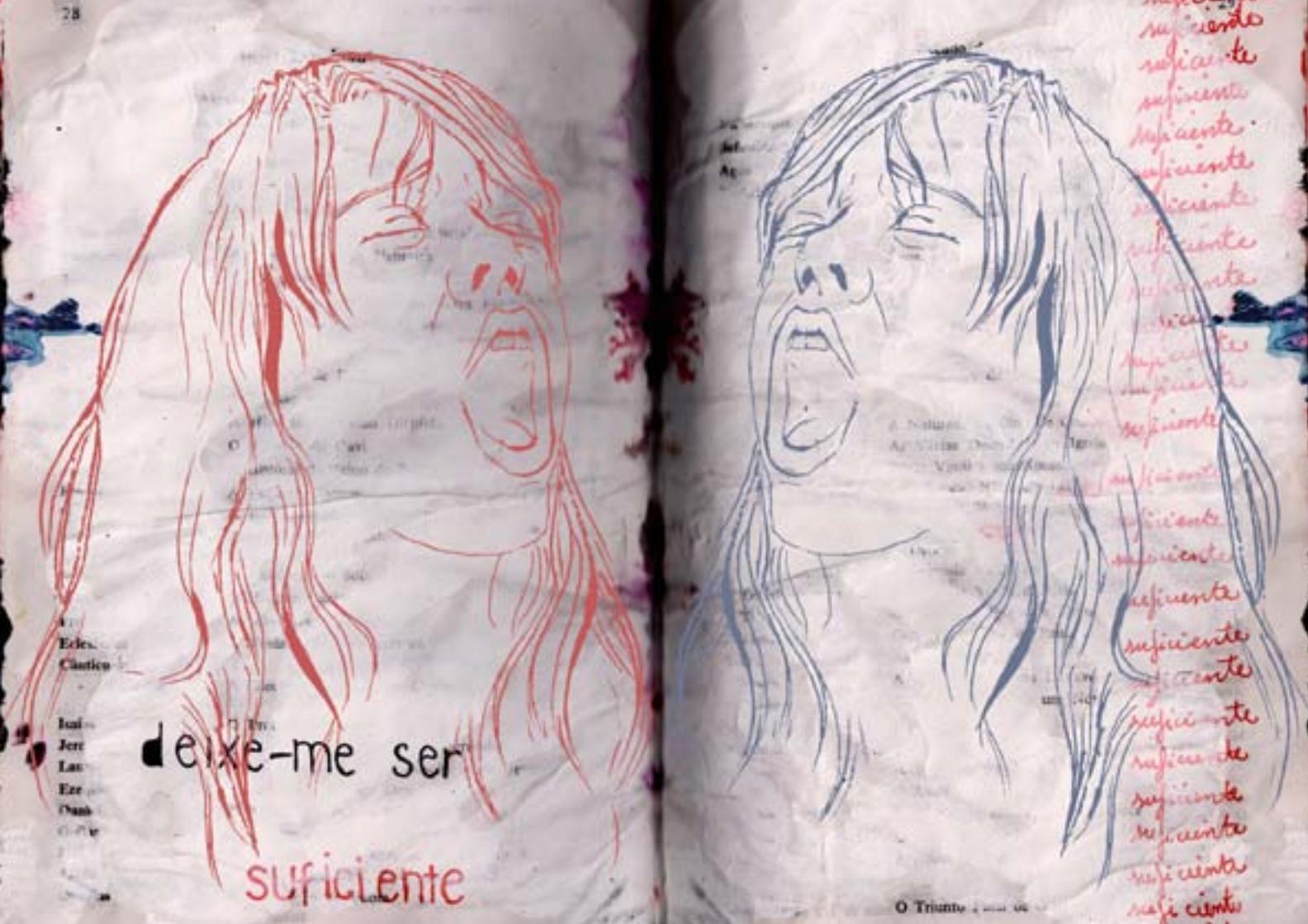
Um demônio assombroso se deitava sobre meu corpo, não permitindo que eu me movesse ou respirasse.

Eu tentava me debater para despertar daquela asfixia, mas seu peso descomunal me pressionava, me obrigando a permanecer paralisada sob a escuridão daquela criatura tremenda.

Uma noite, consegui sussurrar: “Por que você me sufoca todas as noites?”

E na turvação, vi olhos cor de pólvora faiscarem.

“Não sou eu quem te procura” a boca abissal respondeu “é você quem se esgueira todas as noites sob meu corpo.”



# MENARC

V

A menina acordou de sonhos perturbadores.  
Ela estava sangrando.

Em passos miúdos ela caminha até o quarto de seu  
pai, levando a notícia:

- Pai, eu sou velha o suficiente para sangrar.

Os olhos do homem pousam entre as pernas da  
menina, examinando as marcas da sangria.

- Filha, agora você é velha o suficiente para me  
amar.

Tomada por amor a menina se atira sobre o  
homem arrancando-lhe as roupas, os olhos e a  
língua.

Ele agora também era velho o suficiente para  
sangrar.



Fig. 10. Results of the TGA test.

V  
O  
e c h u o h  
a p e o  
z i n h l  
r m e

Era uma vez uma menina que desejava ser devorada por uma besta. E assim ela o foi.

E ela riu-se ao se mesclar com as entranhas do animal, se tornando carne, sangue, dentes, unhas, pelo e suor.

Encarnada com o espírito bestial, ela rugia.

Avidamente toda sua vila foi consumida em uma chacina brutal.

E todos seus abusos foram seguidos por uma manhã seguinte.

A menina não mais existia.  
Este foi o começo de sua Saturnália.

EXODO



me pido.

# Me possua

(eu sou sua)

Ela me observa com os olhos bem abertos, com as suas mil bocas escancaradas.

Sua língua massageia a minha pele e pêlo.

Seus braços são ramos receptivos, em seu abraço sucumbo ao aconchego mortal de sua beleza.

Aninhada em seu corpo, eu busco a remissão, e a imploro perdão por não tê-la venerado até aquele instante.

Ela me convida para seu útero e sepulcro.

Ela me promete: “Eu te farei rei.”

Dentro do seu corpo sou enterrada viva,  
e passo a ser diluída no seu pântano uterino.  
Toda minha herança e legado passam a ser decompostos.

Agora sou maleável como o barro,  
agora eu sou argila,  
a última besta no firmamento.

## alegrias

# Violentas



fins

# violentos



# você me faz salvar

## i

Meu corpo inquieto seguiu seus rastros, e eu afiava meus dentes, unhas e língua a espera do nosso encontro.

Eu ansiava pelo gosto ancestral do sangue dos reis. Um desejo tão forte que aos poucos sua presença se tornara vital.

Devorei todos os animais, você não poderia se sustentar. Sorvi todos os rios, você não poderia beber. Incendiava toda a mata, você não poderia se esconder.

E admito que quase morri de exaustão, me debatendo contra o tempo que insistia em apagar suas marcas. Mas eu te preservei, cada lembrança foi conservada.

E hoje finalmente te encontrei.  
Mas por que não vejo o titã o qual farejava?  
Você me enganou.

Te observo entre meus braços, vendo este seu corpinho mole de criança agitado e assustado.

Para de se debater, para de se retorcer. Pare de gritar.  
Eu estou tão emocionada com o nosso encontro.  
As minhas lágrimas nos lavam os corpos,  
ou não seriam as suas?

Meu corpo te envolve, e toda minha pele te embrulha.  
Aos poucos a sua carne se deforma, seus pulmões se esvaziam, seus ossos se fraturam, todas as artérias se comprimem, e posso até ver seus olhos pulando das órbitas.  
Enrolada em você, observando seu rostinho azulado, agora percebo meu engano.  
Os rastros não eram seus, este tempo todo persegui minhas próprias marcas.

Te devoro assim mesmo.

Ficava sobre os rios Tígre e Eufrates, na junção destes com o Pison e o Giom, 2:10-14. O Pison e o Giom não foram identificados. O Tígre e o Eufrates nascem na região montanhosa do Cáucaso, no norte da Ásia, correm para o sudeste e desaguam no Golfo Pérsico, que é um braço do Oceano Índico. Ver mapa na pág. 73.

Assim, pode-se dizer que o homem foi criado e colocado na terra, mas ou menos no centro de sua superfície, porque essa região do Cáucaso-Eufrates é, aproximadamente, o centro do Hemisfério Oriental, o maior dos dois hemisférios, ver o quadradiâmetro preto no mapa 1, pág. 24.

Os etnólogos quase que geralmente consideram esta região como a residência original de todas as raças da humanidade. Daí vieram, por exemplo, a cabra, a ovelha, o cavalo, o porco, o gato e a maioria dos animais domesticados. Daí também são originários a mangú, o pônei, a pera, a ameixa, a morango, a maracujá, a amora, a groselha, a uva, a oliveira, o figo, a laranja, a pitanga, o trigo e a cevada, a aveia, a cebola, o feijão, o limão, o canela, o caju, a cebola e a maioria de nossas frutas e legumes. Ver o mapa 1, pág. 24.

### 3. Babilônia

É interessante notar que as regiões subflorestadas da Ásia Menor, na qual o homem foi colocado, as quais talvez não se elevaram tanto sobre o nível do mar quanto o topo da Arca, ver o mapa na pág. 73, seriam possivelmente o local de origem das árvores que cresceram no Jardim do Edén. O local tradicional e geralmente aceito é o vale entre o Eufrates e o Babilônio, a leste da foz do Eufrates. "Babilônia" é dizer que o jardim era ali.

O vale entre o Eufrates e o Babilônio é cerca de 160 km. larga e estende-se até Urfa, que é cerca de 100 km. de distância. As linhas interrompidas que aparecem na figura 30, Babilônia, foram formadas por um grande número de pequenos rios que ligavam este

vale ao golfo Pérsico. Através deles, o jardim uniu-se ao golfo, sendo assim, o jardim a confinaria e protegeria os jardins de Adão, 2:10; protegendo-o de suas constantes ataques e epidemias. Mas, o que é que protege o jardim de Adão? Não pode ser o jardim que protege o jardim de Adão? Porque o jardim de Adão é o jardim de Deus? Porque o jardim de Adão é o jardim de Deus? Não pode ser o jardim que protege o jardim de Adão? Porque o jardim de Adão é o jardim de Deus?

### Cap. 2:4-17. O Jardim do Edén

Adão, que é criado e é chamado "Deus" (Elahim, nome popular de Deus supremo), Atah é "o Senhor Deus" (Jeová Elahim). Seu nome é Jeová, o primeiro passo de um longo processo da auto-revelação de Deus.

Inscrições babilônicas antigas dizes: "Perto de Eridu havia um jardim em que existia uma árvore sagrada, a árvore da vida, plantada pelos deuses, cujas raízes eram profundas, quando seu tronco era alto, era protegido por espíritos guardiões que vigiam penitentes".

As ruínas de Eridu foram escavadas por Hall e Thompson, do Museu Britânico (1922-23). Encantaram os arqueólogos de ter sido uma cidade próspera e culta, reverenciada como primazia da civilização.

### A Região de Eridu

Foi revelado que as escavações que foram feitas em Eridu são demasiado poucas para que se possa dizer com certeza exatamente que era a natureza exata do jardim onde muitas das inscrições mencionadas foram encontradas.

Ur, residência de Abram (ver mapa 1, pág. 19), era o lar de Eridu.

Fara, tradicional residência de Balaam (ver mapa 1, pág. 112), e Obeide (Al Ubed) eram de antigos tempos, quando o jardim que se conhece como o jardim de Eridu (ver mapa 1, pág. 44), distava cerca de 10 km. de Fara. Lagash, outra antiga cidade, distava imensamente de Eridu, cerca de 100 km. Nippur, outra antiga cidade, distava sobre 100 km. de Eridu.

Nipur, antiga capital da Babilônia, era famoso por suas bibliotecas (ver mapa 1, pág. 44). Ercip, uma das cidades mais antigas da Babilônia, era famoso por suas bibliotecas (ver mapa 1, pág. 44).

Babylonia (cidade), que é a Babilônia (cidade), era famoso por suas bibliotecas (ver mapa 1, pág. 44).

### MAPA 30. Babilônia



# REG( ) )ZIJO

Observe minha pele branca.  
Contemple as infinitas pérolas, costuradas por  
infinitos fios em meu oculto corpo flagelado.  
Admire minha matéria pesada e cintilante.

E assim prenda-me os punhos,  
Arranca-me as unhas,  
Despedaça-me os dentes,

Descole-me as retinas,  
Fura-me os tímpanos,  
Corte-me a língua,

Decepe-me os pulmões,  
Mutila-me os ovários,  
Incendei minha carne.

Minha concha enfim esvaziada.

Deixei que este corpo se liberte em fuligem e  
fumaça.

*Parte III. Evidências*

*- vídeos e afetos -*





Quero escapar do isolamento.  
Sou criador e criatura.  
Quem me dera ser contagiosa.

Tenho uma doença sem cura, tenho um corpo infantil, perdido e exposto.  
Com esta minha mente infante, ainda possuo um gosto pelo desvio.  
Tenho a moléstia do deslumbramento.  
Gostaria de tocar tudo, me comunicar para além das palavras, carrego essa necessidade de sentir.  
Mas, isso não seria paixão?

Como a criança retardatária que se perde na excursão, permaneci abandonada no Éden, atrasada para o momento da expulsão, persisti no jardim.  
Alimentada, mas ainda assim faminta.  
Eu não soube renunciar meu corpo de prazer.  
Sozinha, em meu jardim de delícias, não posso me fazer ouvir, não importa o quanto eu grite.  
A infância agonizante ecoa, como uma doença sem cura, ignorada mas inquieta, um vício impossível de se saciar.



O que fazer com tudo isso que me brota no  
sangue?

O que fazer com o desejo que eu construí por  
você?

Solitária, me torno assassina, parindo sentimentos  
nati-mortos.

Devoro meus filhos com o sabor amargo.

Deixa eu te tocar, não consigo aceitar que estou  
aqui sozinha com estes partos amaldiçoados.

Não me prive de você.

Eu me encontro entre os dentes do desejo.

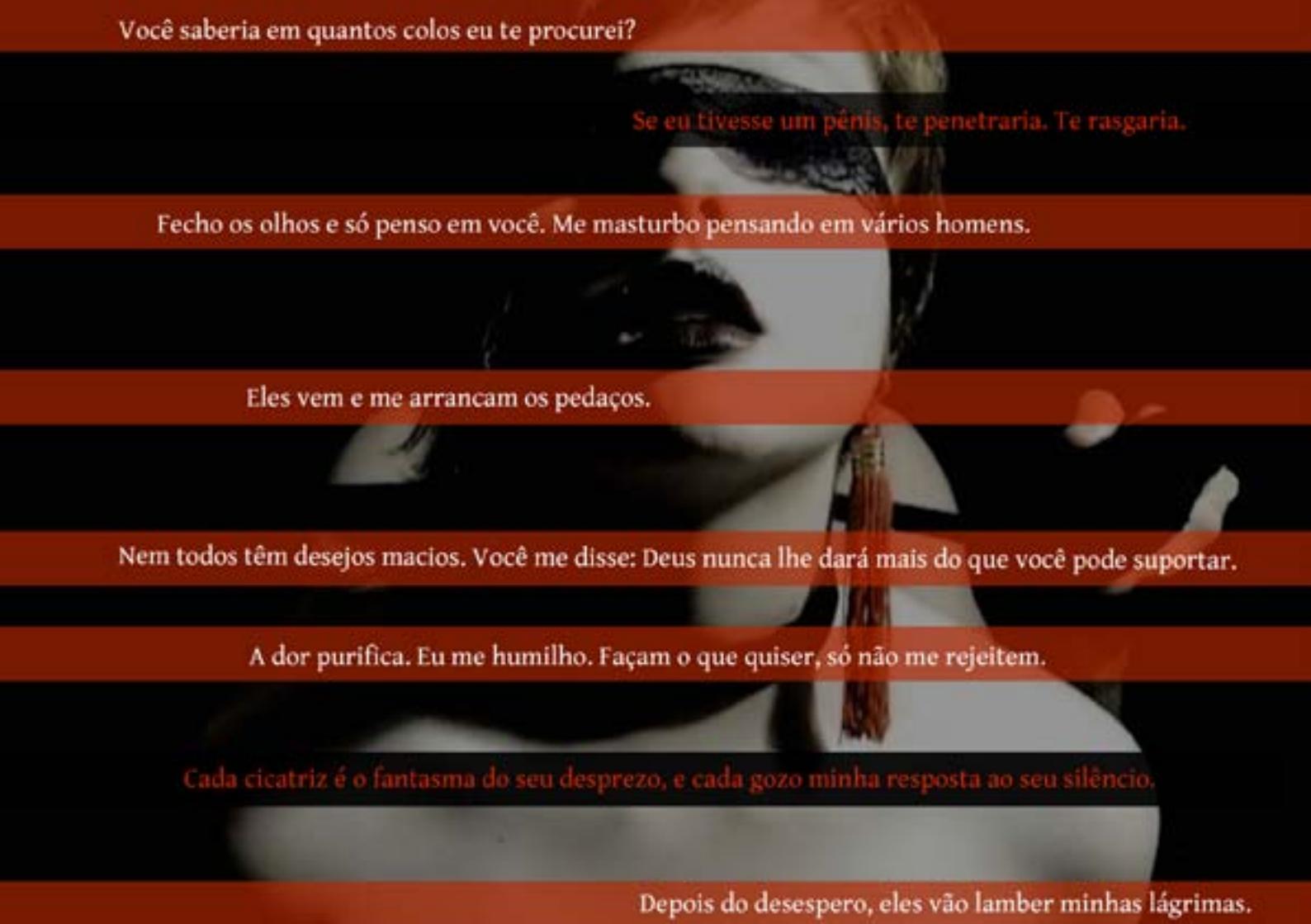
Eu sou escrava das sensações,  
elas me arrastam dia após dia,  
e mesmo que eu me debata,  
elas continuam a cavar túneis entre minhas  
costelas.

Os afetos são intervenções selvagens, que se  
aninham na mente dos que os farejam,  
perturbações se arrastam para fora de cavernas  
subterrâneas e nos espionam por debaixo das  
cobertas.

A parte muda e furtada que subsiste em nós é  
rasgada pelo assédio dos devaneios.  
Coisas estranhas vão aparecer no seu caminho.

É hora de se entranhar. Você é um animal como  
eu, não existe cura para isso.

Na queda todos chegamos aqui, o que nos  
diferencia é a intensidade da nossa recusa.



Você saberia em quantos colos eu te procurei?

Se eu tivesse um pênis, te penetraria. Te rasgaria.

Fecho os olhos e só penso em você. Me masturbo pensando em vários homens.

Eles vem e me arrancam os pedaços.

Nem todos têm desejos macios. Você me disse: Deus nunca lhe dará mais do que você pode suportar.

A dor purifica. Eu me humilho. Façam o que quiser, só não me rejeitem.

Cada cicatriz é o fantasma do seu desprezo, e cada gozo minha resposta ao seu silêncio.

Depois do desespero, eles vão lamber minhas lágrimas.

## TRÍPTICO EM BRANCO, VERMELHO E NEGRO

Vídeo digital, Cor, Som, 24'45".

2013

A imagem reverbera a vontade do corpo.  
Tudo atravessa a esfera da necessidade, daquilo que não se pode deixar morrer silenciado na garganta. Uma rebelião ao temor, aos sentimentos ocultos e à repressão da palavra.  
Não há nada que seja inconfessável.

Branco, Vermelho e Negro:  
confissão, paixão e morte.

Os estados alquímicos são o reflexo do drama humano, a tentativa de resgate daquilo que nos foi arrancado.

Suas cores são a projeção dos corpos excitados e machucados daqueles que desejam expurgar de si o medo pela vida e a negação pela morte.

Quando a vida nos invade, oferecendo-nos o indizível, são essas cores que nos acompanham tanto na nossa aceitação, quanto na nossa recusa. Porque, é quando sentimos a necessidade de contato, que o desejo nos ruboriza, trazendo o sangue para a superfície da pele, enquanto que o temor se faz negro em nós, expondo a presença demoníaca do caos. E se o nigredo não for abraçado, o temor triunfará, o sangue fluirá para o interior de nossas entradas, deixando a pele pálida e fria, como uma letárgica e imaculada superfície branca.

O albedo é o estado ideal e abstrato de purificação, onde se é impossível viver. A vida requer sangue, o rubedo existe quando aceitamos que não somos mais senhores de nós mesmos, e encarnamos a paixão, o glorioso estado humano.



## SANGRO, LOGO EXISTO.

Vídeo digital, Cor, Som, 4'11".

2014

*"Cirandando em torno das rosas,  
Um bolso cheio de poesias,  
Cinzas! Cinzas!"*

*Nós todos caímos."*<sup>1</sup>

Alimentar, devorar.

Ser alimentado, ser devorado.

Todos somos assassinos e vítimas, aniquiladores e aniquilados.

A existência é violenta e excessiva, me escorre pelas pernas todos os meses a potência de vida transformada em sangue.

Amamento meu amante com minha menstruação.  
Deixo que ele me coma a carne.

No dinamismo do sangue que se sorve e derrama, o amor nos é revelado:

A morte faz parte da vida.

<sup>1</sup> "Ring Around the Rosie" é uma canção folclórica associada popularmente à Peste Negra.



## ELA AINDA TEM DENTES

Vídeo digital, Cor, Som, 3'37".

2014

Todos somos filhos do abismo oceânico.  
Meu gene ancestral devorador a tanto tempo  
transmitido, existe, ainda que silenciado, sob as  
camadas de tempo e terra conquistada.  
Minha mãe, a fera marinha; meu pai, a besta  
terrena.

Dentro do útero eu já tinha dentes, e devorava  
meus irmãos com um prazer inato.  
Ganhei a prole, com a carne dos óvulos  
fecundados em meu ventre, nasci totalmente  
independente.

Como este meu corpo anfíbio poderia, com suas  
escamas e pelo, criada em terra e água, um dia  
olhar para os céus e clamar:  
“Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e  
ficarei mais branco do que a neve”?<sup>1</sup>

Como eu, fruto de um canibalismo intrauterino,  
poderia rogar:  
“Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu  
pecado”?<sup>2</sup>

Como este meu corpo sanguíneo e pulsante  
poderia esmolar:  
“Salva-me do pecado de sangue derramado, ó Eterno,  
Deus da minha salvação, para que minha língua seja  
livre para cantar exaltando a tua justiça”?<sup>3</sup>

Não, minha língua canta ao regozijo e meus  
dentes ao flagelo.  
Sob o céu não existe justiça ou salvação, apenas  
presença.

Concebida pela carne o fui,  
e perecida pela carne serei.

<sup>1 2 3</sup> Livro de Salmos cap. 51 versículos 7; 2; 14.



## CUM PANIS

Vídeo digital, Cor, Som, 3'18".

2014

Flagelados por deuses pueris,  
nós dividimos o pão e a lâmina.  
O que não mutilamos para manter este destino?  
Nós nos amamos porque vivemos entre a tortura  
e o prazer.

Em cultos sacrificiais, nós, infantes criminosos,  
construímos o leito macio tecido em alucinações.  
Por detrás de cada rosto nós amamos o mesmo.

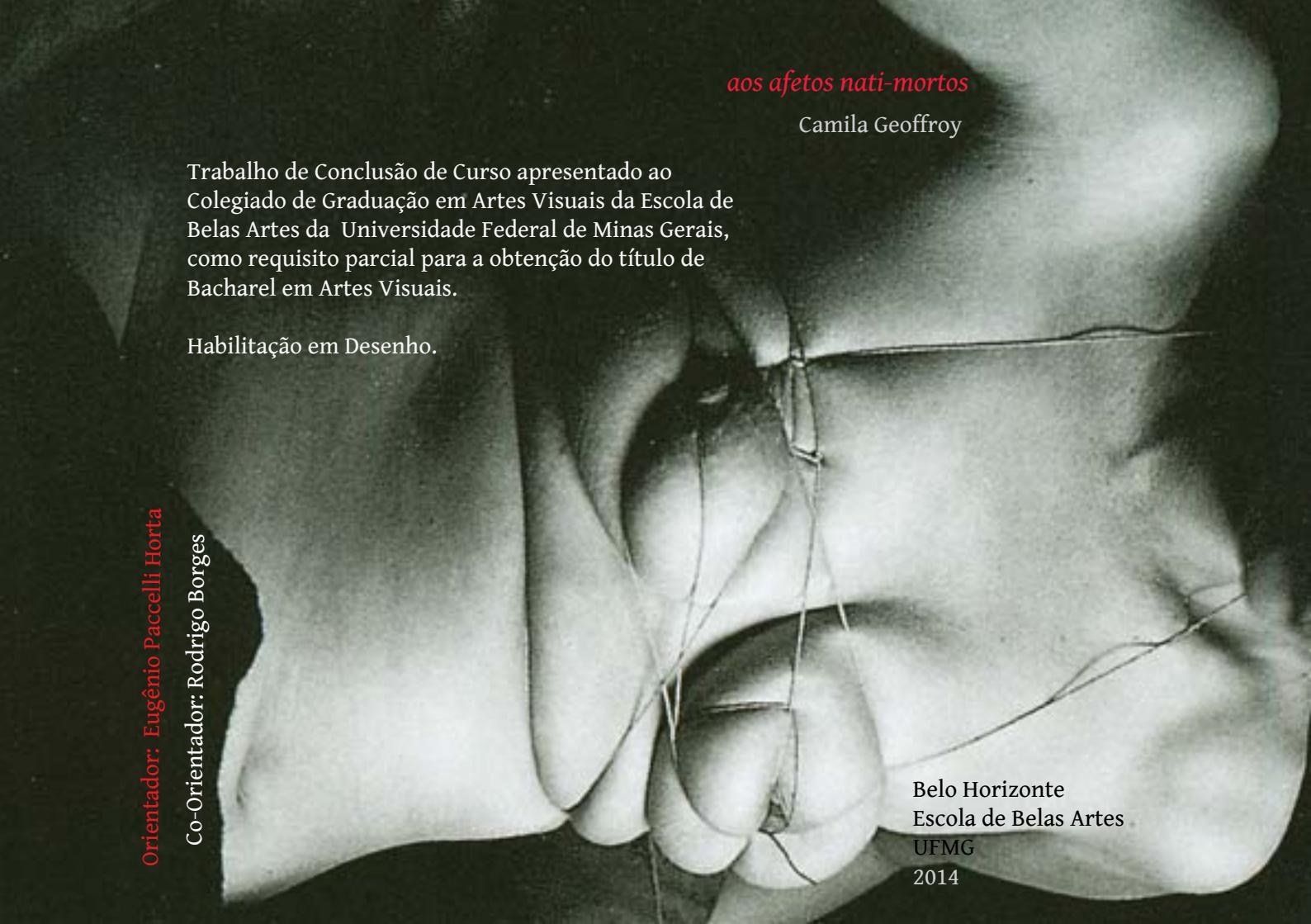
Um rastro foi deixado em nós, a tragédia dos  
opostos universais.  
Fendas abertas, graças e desgraças, bailando sobre  
nossa abismo.

Quero cometer um crime ritual, quero me  
despedaçar em você.  
Seremos cúmplices dos mesmos assassinatos,  
do mesmo vício fiel.  
Vítimas voluntárias, presas nessa roda de amores  
duplos, são os nossos sacrifícios que cultivam a  
felicidade.

No beijo fechamos os olhos, assim como as bestas  
no momento do abate.

Nós somos as metades do mesmo engano.





*aos afetos nati-mortos*

Camila Geoffroy

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de  
Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação em Desenho.

Orientador: Eugênio Paccelli Horta

Co-Orientador: Rodrigo Borges

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes  
UFMG  
2014



## Referências

BATAILLE, Georges. O Erotismo.  
Porto Alegre: L&PM, 1987.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo:  
Capitalismo e Esquizofrenia.  
São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade,  
vol. I: A vontade de saber.  
São Paulo: Paz e Terra, 2014.

NIN, Anaïs. Little Birds.  
London: Penguin Books. 2002.

### Vídeos:

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze, avec Claire  
Parnet. O Abecedário de Gilles Deleuze.  
Direção de Pierre-André Boutang.  
Produção de Éditions Montparnasse, Paris. 2004

GREENAWAY, Peter. O livro de cabeceira. Pillow  
book, The. Produção de Kees Kasander.  
Direção de Peter Greenaway.  
França/Holanda/Reino Unido. 1996

TRIER, LARS VON. O Anticristo. Antchrist.  
Direção de Lars Von Trier.  
Dinamarca. 2009.

### Músicas:

ALLEGRI, GREGORIO. Miserere mei, Deus.

ORFF, CARL. Carmina Burana -“Cantiones  
profanae cantoribus et choris cantandae”.



# Índice de Imagens

## **Capa**

Édouard Manet; *Olympia*, 1863.

## **Pág. 2**

Caravaggio; *Maria Maddalena in estasi*, 1606.

## **Pág. 4**

Lars von Trier; Frame do filme *Antichrist*, 2009.

## **Pág. 5**

Antonio Allegri da Correggio; *Giove e Io*, 1533.

## **Pág. 6**

Franz Von Bayros; *Sem título*.

## **Pág. 7**

Mapplethorpe; *Man in Polyester Suit*, 1980.

## **Pág. 8**

Jheronimus Bosch; *Tuin der lusten*, 1490.

## **Pág. 10**

Jean-Léon Gérôme; *Le Marché d'esclaves*, 1866.

## **Pág. 12**

Araki Nobuyosh; *Sem título*.

## **Págs. 13, 19, 23**

Camila Geoffroy; Imagens da Série *Memórias de uma Retaliação*, 2014.

## **Pág. 14**

Paul-Émile Bécat; ilustração da obra *Oeuvres Libres* de Paul Verlaine, 1948.

## **Pág. 16**

Jean-Léon Gérôme; *Vente d'esclaves à Rome*, 1884.

## **Pág. 18**

Jan Saudek; *Art Nouveau*, 1993

## **Pág. 20**

Jeff Koons; *Ilona's Asshole*, 1991.

## **Pág. 22**

Jean Auguste Ingres; *Jupiter et Thétis*, 1811.

## **Pág. 24**

Katsushika Hokusai; *Tako to Ama*, 1814.

## **Pág. 26**

Apollonia Saintclair; *The bloody nuptials*, 2014.



**Págs. 29, 30, 32, 34, 36, 38, 40**

Camila Geoffroy; Série *Livro de Borboletas*, 2013.

**Págs 43**

Camila Geoffroy; Frames do Vídeo *Tríptico em Branco, Vermelho e Negro*, 2013.

**Pág. 44**

Nagisa Oshima; Frame do filme *Ai no korîda*, 1976.

**Pág. 46**

Jeff Koons; *Red Butt (Close Up)*, 1991.

**Pág. 48**

Camila Geoffroy; Montagem com frame do Vídeo *Tríptico em Branco, Vermelho e Negro*, 2013.

**Pág. 50**

Camila Geoffroy; Frame do Vídeo *Sangro, Logo existo*, 2014.

**Pág. 52**

Camila Geoffroy; Frame do Vídeo *Ela ainda tem Dentes*, 2014.

**Pág. 54**

Camila Geoffroy; Frame do Vídeo *Cum Panis*, 2014.

**Pág. 56**

Robert Mapplethorpe; *Untitled (self-portrait)*, 1973.

**Pág. 57**

Hans Bellmer; *Unica Zürn*, 1958.

**Pág. 58**

Martin Van Maele; da série *La Trilogie Erotische*, 1907.

**Pág. 60**

Araki Nobuyosh; fotografia da série *Tokyo Comedy*, 1997/2007.

**Pág. 62**

Franz Von Bayros; da série *Le Jardin d'Aphrodite*. 1907

**Verso**

Gian Lorenzo Bernini; *La Transverberazione di santa Teresa d'Avila*, 1652.

